



## RESENHA DO FILME “FROZEN: UMA AVENTURA CONGELANTE”

Eduardo Antonio Martins de Oliveira

### 1 REFERÊNCIA DA OBRA ANALISADA

FROZEN: uma aventura congelante. Direção de Chris Buck, Jennifer Lee. Manaus, RIMO INDÚSTRIA E COMÉRCIO FONOGRÁFICA S.A., 2014. 1 DVD (102 min.); Filme-vídeo; NTSC, son., color. Legendado. Port.

### 2 APRESENTAÇÃO DOS AUTORES/DIRETORES

O longa-metragem *Frozen* é resultado do trabalho conjunto dos diretores Jennifer Lee – que também atuou como roteirista – e Chris Buck; a dupla ainda teve a colaboração de outros profissionais na concepção do filme, como Shane Morris na criação da história por trás do enredo e Kristen Anderson-Lopez na função de compositora das letras da trilha sonora original.

Chris Buck tornou-se mais conhecido após o reconhecimento mundial de seu trabalho como codiretor do filme, apesar de já ter participado da direção de outros filmes da Walt Disney Studios, como *Tarzan*. Estudou animação de personagens por dois anos no Instituto de Artes da Califórnia (SOLOMON, 2013).

Jennifer Lee, conhecida também pela direção da animação infantil *Detona Ralph*, possui mestrado em Belas Artes pela Escola de Artes da Universidade de Columbia. Seu reconhecimento também veio com o sucesso crítico e comercial de *Frozen* (WOLFE, 2012, p. de internet).

### 3 PERSPECTIVA TEÓRICA DA OBRA

O filme, trabalhado em volta do conceito de uma animação musical feita em computação gráfica, tem seu enredo livremente inspirado no conto do autor dinamarquês

Hans Christian Andersen, *A Rainha da Neve*, que narra uma batalha entre o bem e o mal travada por duas crianças contra uma feiticeira de más intenções (ANDERSEN, 2013).

Segundo os autores, a produção do roteiro – e, conseqüentemente, do enredo – era voltada para uma história sendo contada de forma mais sombria, tendo Elsa como a rainha má que desejava congelar o coração das pessoas enquanto Anna seria a heroína propriamente dita durante toda a película. O foco da história mudou, no entanto, quando decidiram que as duas personagens seriam irmãs, concedendo uma personalidade mais branda a Elsa. Ainda assim, de acordo com Lee, havia uma necessidade de manter certos pontos da história original:

That was a part of the original *Snow Queen* story that we wanted to hold onto - it's a story about love conquering negativity, in a society ruled by fear. Elsa represents fear, and other characters represent aspects of that too, and Anna represents love - in that story, that's all she's armed with. I think that's where we get that very timely, but timeless feeling, with that theme. (LEE, 2013, p. de internet, entrevista concedida a Mark Harrison)

A história do filme, por retratar primordialmente uma relação de amor não romântico entre membros da família, em vez da fórmula habitual de um casal apaixonado, ainda inspirou debates acerca da nova era de produções cinematográficas da Disney, mais voltadas para um público amplo e genérico de pessoas, o que implicaria na busca por mensagens universais de mais fácil alcance a estas (BUCK; LEE, 2014, entrevista concedida a Aline Brosh McKenna e John August).

#### **4 BREVE SÍNTESE DA OBRA**

A história gira em torno de duas irmãs, Anna e Elsa, princesas do reino fictício de Arendelle. A trama se desenvolve tendo como plano de fundo o distanciamento entre as duas, gerado por um acidente na infância envolvendo habilidades de manipulação mágica de gelo por Elsa, a mais velha. Anos depois, Anna descobre que o afastamento da irmã teve relação com tais poderes sobrenaturais – e com a incapacidade de lidar propriamente com essa situação.

Nos primeiros minutos do longa, somos apresentados à versão infantil das personagens principais, na época em que ocorreu o acidente. O tempo da história vai evoluindo rapidamente, pontuando apenas alguns acontecimentos (como o isolamento de Elsa após ter involuntariamente ferido a irmã, a morte de seus pais em um naufrágio durante a

adolescência das duas e as constantes investidas de Anna na tentativa de se reconectar com a então única representante ainda viva de sua família). O que realmente marca essa transição entre passado e presente é o poder que foi crescendo cada vez mais dentro de Elsa, independente do quanto ela buscava contê-lo.

Essa incapacidade de encobrir completamente suas habilidades fez crescer nela um receio de voltar a machucar as pessoas caso tivesse contato com elas, o que se tornou um martírio ainda maior devido ao estímulo dado pelo pai a "encobrir, não sentir, não deixar ver". Devido a isso, manteve-se reclusa até que, inevitavelmente, teve de comparecer à cerimônia em que seria coroada como a nova rainha de Arendelle por ocasião de sua chegada à maioridade.

Em um desentendimento com a irmã devido à não aceitação, por parte da mais velha, de um pedido de casamento de Anna com um dos convidados que ela conhecera durante a cerimônia, o príncipe Hans. A rainha se descontrola, exibindo involuntariamente seu poder de gelo dentro do salão em que se encontrava com várias outras pessoas e tentando prontamente fugir do local para não ferir ninguém.

Como resultado inesperado de sua fuga para as montanhas, Elsa põe todo o reino de Arendelle sob espessa neve, em um inverno magicamente invocado. Sua irmã então vai em sua busca, deixando o príncipe Hans como administrador provisório do reino. Ao ser finalmente encontrada, Elsa expulsa a irmã dizendo que não se sente capaz de reverter o problema que causou, sendo mais prudente da parte de todos que ela seja deixada isolada em seu castelo de gelo.

Nesse meio tempo, Hans envia uma tropa para capturar a rainha, sob o pretexto de protegê-la de si mesma. No reencontro de Anna e o príncipe, ela descobre suas verdadeiras intenções – livrar-se das duas irmãs para tomar de forma permanente do reinado de Arendelle. Anna consegue, mesmo tendo seu coração congelado magicamente pela irmã, interromper o intento de Hans, e o sacrifício da princesa se revela, ao final, o gatilho para a quebra da maldição do gelo – isto é, a exibição de um ato de amor verdadeiro.

#### **4 PRINCIPAIS TESES DESENVOLVIDAS E REFLEXÃO CRÍTICA**

O mais novo longa de animação da Disney aborda temas mais sérios do que aparenta à primeira vista – e, dado o seu alcance e é uma ótima oportunidade de conversar sobre criminologia com o público infantil. O filme é rico, ainda, em exemplos e cenários factíveis

na realidade, podendo ser mencionados pontos como reparação civil de dano a bens móveis, leis econômicas de oferta e procura no mercado, sanções internacionais através da quebra de relações diplomáticas e diversas convenções políticas e jurídicas sobre o modo de governo no contexto de Monarquia explorado na história.

O que aparenta ser, portanto, durante as quase duas horas de filme, apenas mais uma história de superação das forças sobrenaturais através do amor, sob um olhar mais atento pode se revelar um verdadeiro retrato da natureza humana quando submetida à vida em sociedade. Mais que isso, a história usa cenários bastante interessantes ao estudo do próprio Direito. Estes integraram o longa de forma tão natural que chegam a passar despercebidos isoladamente – o que pode fazer de Frozen um precioso instrumento lúdico-didático de reflexão sobre questões sociais, indo além de seu uso como mero objeto de entretenimento.

#### **4.1 O crime como doença social**

A reclusão da princesa Elsa, durante todo o seu período de crescimento após o acidente com sua irmã, foi reputada como necessária para que a família fosse poupada de mais tragédias como aquela. A consequência disso foi o total isolamento das duas, que cresceram sem muito contato ou compreensão acerca dos motivos que levaram seus pais a tomarem tal medida. Após o falecimento do casal real, no entanto, a situação de separação se manteve.

Elsa teve ainda mais um reforço negativo à compreensão sobre seus poderes durante o primeiro contato real com o mundo exterior – quando, não podendo controlar suas habilidades, foi taxada de feiticeira, e logo tornou-se alvo de julgamentos negativos pelos que a viram invocar gelo magicamente. O estigma de vilã se perpetuou até que ela teve sua inocência cabalmente comprovada por fatores alheios à sua vontade.

Tal relação da característica especial de Elsa com seu aviltamento por parte da sociedade tem correspondente nas teorias do fato social (ou da doença social), trabalhados por pensadores como Durkheim, em que o desvio das características esperadas pela generalidade é fator que enseja uma compensação através da punição. Segundo ele,

Chamaremos normais aos fatos que apresentam as formas mais gerais e daremos aos outros o nome de mórbidos ou de patológicos. Se convencionarmos chamar tipo médio ao ser esquemático que resultaria da reunião num todo, numa espécie de individualidade abstrata, das características mais freqüentes na espécie com as suas formas mais freqüentes, poder-se-á dizer que o tipo normal se confunde com o tipo

médio, e que qualquer desvio em relação a este padrão da saúde é um fenômeno mórbido. (DURKHEIM, p. 74)

A reclusão de Elsa, tanto em seu quarto quanto em seu castelo de gelo, e seu afastamento da sociedade, como tentativa de não gerar mais tumulto em relação a seus poderes, é apenas um reflexo da penitência do indivíduo contra ele mesmo, ao reconhecer um estado “doentio” dentro de si, mesmo que reconheça ser algo inevitável e além de sua capacidade de controle ou contenção. Está presente de forma clara, nesse exemplo, a forma com que o medo, o preconceito e o desconhecimento atribuem caráter patológico a toda situação excepcional que pareça ameaçadora.

O ponto positivo em relação a este tema, no filme, é o reconhecimento público, ao final, de que as habilidades especiais de Elsa não eram inerentemente negativas, sendo apenas direcionadas para finalidades diversas de acordo com o estado de hostilidade em que a detentora de tais poderes se encontrava. Em paralelo às questões da não-ficção, é possível propiciar uma nova perspectiva na sociedade em relação aos taxados de doentes ou amaldiçoados quando se vislumbra a possibilidade de reversão das consequências de tais características especiais.

#### **4.2 A caricatura do julgamento inquisitivo**

A dinâmica narrativa do filme possibilita a análise de pontos correspondentes ao sistema jurídico inquisitivo ocorrido a partir da Idade Média (e, por extensão, à evolução histórica do sistema penal no que diz respeito às garantias de direitos humanos, considerando que a Inquisição foi modalidade processual penal que predominou por séculos). A fragilidade de legitimidade da decisão tomada pelo príncipe, acentuada pela precariedade dos termos a que foi concedida sua regência temporária sobre o reino fictício, ainda assim foi prontamente acatada pelos demais homens na cena.

A narração dos fatos é unilateral e todas as etapas do processo são concentradas na figura do príncipe Hans: ele forja a o assassinato de Anna pela irmã, acusa a rainha de traição e a condena à morte, sendo prontamente apoiado. A atuação emergencial, supostamente, em benefício da segurança do Reino contra as investidas sobrenaturais da rainha considerada criminosa, tinha como consequência lógica o cometimento de injustiças contra todos os envolvidos.

O que fica patente, pela observação dos acontecimentos narrados, é que a punição pela responsabilidade atribuída à deuteragonista<sup>1</sup> se mostrou desmedida, por não buscar minimamente outros indícios que pudessem corroborar ou elidir as alegações do julgador em questão. Isto é, caso se buscasse antecipadamente verificar, sob a presunção de inocência ou neutralidade do indivíduo acusado, se a narrativa do acusador era verossímil, poder-se-ia chegar a uma conclusão mais acertada – e próxima da realidade – sobre os supostos delitos.

A evolução do Processo Penal, bem como o Direito num todo, vem se afastando dessas arbitrariedades, na medida em que garante cada vez mais o acesso do indivíduo a condições iguais de defesa e presunção de inocência. Nesse sentido, Giacomolli (2008, p. 331-344) sintetiza o anseio da nova fase do Processo Penal como uma necessidade de assegurar a dignidade do processado, em detrimento da rotulação social como escória e de seu reflexo voluntário ou involuntário no tratamento dos acusados.

### **4.3 A crítica ao juízo de valor quanto ao passado do agente**

Na narrativa do filme, são retratadas duas realidades distintas sobre o passado dos personagens. A primeira linha narrativa faz o espectador acompanhar a trajetória de Elsa desde sua infância até sua idade adulta, expondo todos os fatores relevantes para a construção da personalidade da rainha, bem como os antecedentes que motivam a sua tomada de decisões. Por outro lado, há o personagem de Hans, que aparece apenas na linha de tempo presente e é desenvolvido através do olhar de terceiros, nunca inserindo o observador na intimidade ou no passado do príncipe.

A descoberta, no final do longa, dos planos escusos do personagem contra as duas irmãs, leva a duas análises distintas: ao mesmo tempo em que causa espanto a reviravolta no caráter do personagem, levando as outras pessoas a mudarem sua opinião quanto a ele, faz-se necessário questionar como seria desenvolvido esse juízo de valor caso o filme também retratasse seu passado, sua infância e seus conflitos internos – assim como fez com Elsa.

A resposta parece estar na observação dos personagens coadjuvantes da história, pois estes sim estão alheios à intimidade de Elsa. Da mesma forma em que, de uma hora para outra, a opinião positiva quanto a Hans se desfaz, a impressão da rainha Elsa também é posta em cheque durante a cena da festa de coroação, no início do filme.

---

<sup>1</sup> Expressão com origem no teatro da Grécia Antiga, é o personagem que desempenha um papel secundário, porém mais relevante que um mero coadjuvante.

Percebe-se, desse modo, a forma clara como se representa na história de Frozen a construção do julgamento popular – o que não se afasta da realidade social no “mundo real”, tendo em vista que há correspondência dessa conduta na prática social de avaliação moral do condenado, cuja legitimidade ainda é reforçada pelo Estado (PAIXÃO, 1987, p. 12-34). A avaliação dessa realidade é relevante para o entendimento dos fatores motivadores à opinião geral em relação a temas como punibilidade, maioridade penal e políticas sociais de tratamento humanitário dos acusados.

#### **4.4 O amor como elemento figurativo à justiça restaurativa**

Na primeira cena do filme, tem-se um grupo de mineradores entoando uma cantiga tradicional que revela uma antiga profecia, que viria a se cumprir com as protagonistas da história do filme: “Chuva da montanha e frio intenso combinados / Trazem essa força gélida de um coração a ser minerado / Golpeie o coração por amor / Congelado por temor / Belo e ameaçador / Quebre o gelo então / Do gélido coração”. A tradução da profecia, que viria a se cumprir com o ato de amor entre as irmãs anteriormente referidas, deu fim a todo um ciclo de medo e desentendimento dentro da família real.

A imagem do sacrifício mútuo, da abdicação e da compreensão do outro estão fortemente ligados à nova teoria da justiça restaurativa preconizada por autores como Pallamolla (2009, p. 67-90), que trazem à baila a desnecessidade e inutilidade da punição retributiva do modelo atual, sem reparações à sociedade ou às vítimas dos eventuais delitos cometidos.

Como fundamento para tal possibilidade, a crença na possibilidade de reparação do sentenciado é fundamental. Faz parte, portanto, de um processo psicológico, aceitar a condição de falibilidade do outro tendo a esperança de uma melhora – ou restauração completa. Em outro momento do filme ora analisado, os personagens cantam o seguinte trecho:

Não quer dizer que vai mudá-lo? / Porque não vai acontecer / Mas conte com o poder do amor / Que pode surpreender / O medo faz escolhas onde o risco é menor / Mas ponha um pouco de amor [...] E vai ter o melhor! [...] Todos necessitam de uns reparos / Essa é a questão / Pai, irmã, irmão / A gente cresce, vai melhorando em união / Todos necessitam de uns reparos / Mas seja como for / O único jeito de dar jeito no sujeito é com o jeito [...] do amor.

Resta demonstrado, em linhas gerais, a possibilidade de estabelecer paralelos entre a narrativa do filme e a opinião dos autores, de influência sentimental no comportamento dos expectadores, sobre a possibilidade de “restauração” de relacionamentos, o que se pode estender, teoricamente, à noção de justiça restaurativa e recuperação do acusado para além da mera punição retributiva, que por vezes é o que impera na sociedade e no senso comum dos que opinião a respeito.

## REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. **A rainha da neve**. Traduzido por Per Johns. Belo Horizonte: Tessitura, 2013.

BUCK, Chris; LEE, Jennifer. **Chris Buck and Jennifer Lee interview: on making Frozen**. Entrevista concedida a Mark Harrison. Disponível em: <<http://www.denofgeek.com/movies/frozen/28495/chris-buck-and-jennifer-lee-interview-on-making-frozen>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Traduzido por Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2007.

GIACOMOLLI, Nereu José. **Resgate necessário da humanização do processo penal contemporâneo**. In: WUNDERLICH, Alexandre (Org.). Política criminal contemporânea: criminologia, direito penal e direito processual penal pelos 60 anos da Faculdade de Direito da PUCRS. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2008. p. 331-344.

LEE, Jennifer. **Frozen with Jennifer Lee**. Entrevista concedida a Aline Brosh McKenna e John August. Disponível em: <<http://johnaugust.com/2014/frozen-with-jennifer-lee>>. Acesso em: 14 ago. 2014.

PAIXÃO, Antônio Luiz. **Recuperar ou punir?: como o Estado trata o criminoso**. São Paulo: Cortez, 1987.

PALLAMOLLA, Raffaella da Porciuncula. **Justiça restaurativa: da teoria à prática**. São Paulo: IBCCRIM, 2009.

SOLOMON, Charles. **The Art of Frozen**. São Francisco: Chronicle Books, 2013.

WOLFE, Jennifer. **Disney names Jennifer Lee director of “Frozen”**. Disponível em: <<http://www.awn.com/news/disney-names-jennifer-lee-director-frozen>>. Acesso em: 18 ago. 2014.